CINE-JORNAL

ANO 1- N.º 26 - 13 DE ABRIL DE 1936

DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO

16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00





Eddie Cantor, algemado, em «Strike me pink»



Lilian Rosine, a caracterizadaro da Metro, aperfeiçoa a «maquillage» de Cecilia Parker



Miriam Hopkins, Joel Mac Crea e Merle Oberon, em «Dark Angel»



Betty Furness e Irene Harvey, walkyrias

"Nothing in... Nothing in... Nothing in...,

«Nothing in...». Dois banatissimos vocábulos que, à primeira vista, pouco dizem. Todavia representam o desubar de muita esperança, o tombar de mit projectos que percorem a escata dos mais modestos aos mais ambiciosos. «Nothiny in...». Quanta ansiedade destruida, quanta vontade de vencer

«Nothing in...». Quanta ansiedade destruida, quanta vontade de wencer torpedeuda... Palavras terriveis, cuja extensão dificilmente se avalia. Causa de desespéros sem fim, tormento dos que vaguetam em Hollywood em busca de um parco papel que thes possa abrir o caminho do triunfo, da glória.

Poucos sabem a profundidade matéfica daquela infeliz expressão que, traduzida, significa apeuas: «Não há nada».

Este «não há nada» tém-no escutado milhares de ouvidos ansiosamente cotados a um auscultador, gastos os últimos centavos numa derradeira chamada telefónica.

«Nothing in» envolve a tragédia de Hollywood, a lula tenaz dos que labulam naquela metropole oude reina a mais desoladora miséria, a par do mais extraordinário luxo. Orgia dos sentidos para uns, desilusão para a maioria.

extraoratuaro axo. Orga dos sentaos para uns, desilusão para an maioria.

Tanta ansiedade, tremor, angústia, dúvida, no interrogar e eis que ésse bratal, esmagador, «Nothing in» corta o tênue fio, que parece tigar já ao estádio o pretendente que nele deseja trabathar.

Sim, «Nothing in» respondem as telefonistas do «Central Gasting», espécie de repurtição peral do desemprêgo em Hollywood, aos infetizes aspirantes que, diàriamente, solicitam, mendigam por assim dizer, um vago lugar num não menos vago filme, que tanto pode ser da série «cow-boys», como da série «Gamysters» ou da «Amor, paixão e casamento».

samento». 11á 5.000 homens, 6.000 mulheres e 3.000 criauças inscritas na «Central Casting». São éles quem comunicam, a hora determinada, para qualquer dos quarenta e seis telefones daqueta organização.

Ao ouvirem as palavras mágicas «Aqui Central Casting» dizem, apenas um nome: Smith, Selters, Everelt, Beyfus, Berrymau, Thierry ou qualquer dos lautos asados, aliás com certo orgulho, petos cento e vinte mithões de habitanles da Norte América.

les da Norte América.

Este nome é reproduzido, em voz alta, peta telefonista. Perto, está um empregado que possui a tista dos que devem ser chamados. Percorre-a ràpidamente e verifica se la se encouta o uome em questão. Caso negativo, vém as terrificas padavras: «Nothing in...». E assim todo o dia.

Se nos lembrarmos de que apenas são empregadas 750 pessoas em cada 24 horas e que há 14,000 inscrilas, pode admitir-se sem relutáncia que a média dos telefouemas seja de 6,000 diáriamente e que a percentagem dos desiludios apareça enorme.

De facto, como esquecer que «Nothing in» representa a miséria por mais uns dius, a muarqura do desemprégo, o horror de morrer aos poucos, numa casa omde não falta electricidade, gás, aquecimento, T. S. F., frigorifico e até elevador, mas onde também, sem dódires, essas maravilhas da ciéncia se tornum mais inacessiveis do que a própria Esfinge.

llaverá tortura maior do que ver tais confórtos á nossa volta e não os poder utilizar, sucumbir de frio junto a um espléndido aquecedor ou possuir um excetente fogão, último modelo, e não ler senser ums onos nara frioir nête?

sequer uns ovos para frigir néle?
«Nothing in...», terrivel dilema, dilema duma civilização.

OPERADOR N.º 13

Robert Donat contra Hollywood

R OBERT DONAT, intérprete do filme Vende-se um fantasma, que vimos há pouco, não quere voltar a Hollywood, se bem que tenha assinado contratos com a R. K. O. e a Warner Bros. Donat ganha actualmente 150 contos por semana em Londres. E os seus dois contratos em Hollywood não atingem essa cifra; um dálue de la contrato de

ihe um tèrço, e outro metade.

Além disso, Donal declara que não gosta de trahalhar na Cinelándia. Em Londres, recusou-se, há pouco, a interpretar um papel de que não gostava, muito embora lhe tivessem oferecado 100 mil dótares para o interpretar. E de sabe que em Hollywood ninguêm be permite semelhantes capricios.

lbe permite semethantes caprictos.

A popularidade de Donat nos U. S. A. segue uma curva crescente. Vende-se um fantasma está fazendo em Nova York receitas superiores à Vida Privada de Henrique VIII e a Revolução francesa, filmes em que desempenhava papéis de relêvo.

Os dois filmes franceses de Maurice Chevalier

Já está feita a mise-au-point dos argumentos dos dois filmes que Maurice Chevalier vai realizar em França. O primeiro intitula-se: Avec le sourire, Serárealizado por Maurice Tourneur, segundo um argumento de Louis Verneuil e estará concluído em Setembro p. f. O segundo, L'Homme du jour, tem

O segundo, L'Homme du jour, tem Julien Duvivier como realizador. O argumento é de Charles Vildrac, Julien Duvivier e Charles Spaak.

Marlène Dietrich e Charles Boyer no «Jardim de Allah»

Martène Dietrich assinou um contrato com David O. Selvnick, da Selvnick International Piclure Corporation, para ser a vedeta feminiua do grande filme colorido, O. lardim de Allah, ao lado de Charles Boyer.

A principio, afirmou-se que Merle Oberon seria a vedeta, mas o papel, finalmente, foi entregue a Martène, que, desta forma, desmente os boatos da sua vinda para a Europa.

Como se sube, Rex Ingram realizou ja um filme extraido do romemce famoso de Robert Dickens, e que se inlitulou, também, O Jardim de Allah. A vedela foi Alice Terry, e o filme apareccu em 1917.

ocaca em 1917.
Os exteriores do novo filme serão tomados no Egiplo, junto do Luqsor.

O Ministério de Propaganda e o cinema, em Itália

Para o exercício de 1936-1937, o Ministério da Imprensa e da Propaganda do Reino de Itália prevé, no orçamento, as seguintes verbas:

Imprensa	410.000	tira
Propaganda	3.100.000	>
Filme	3.100.000	>
Teatro	5.150.000	>
Turismo	28.860.000	- 3
Despesas gerais	14.560.000	>

Da simples enumeração destes verbas, ressalta a enorme importância dada ao cinema, como meio de propaganda, em Itália.



Weissmuller, ou as delicias do «aolf»



Freddy Bartholomew, o miùda prodigia de «David Copperfield» e de «Anna Karenine», está agora a filmar na United Artists



Rabert Mantgomery e Chester Marris conversam, num intervalo de filmagens



Edgard Edwards era mineiro, antes de se dedicar ao cinema. Ofereceu agara a Betty Furness a última picareta com que trabalhou

Charlie Chaplin anuncia que a tradicional figura de Charlot morreu!

Charlie Chaptin intitutou, primeiramente, o seu filme, desta maneira: Charlie Chaptin in Modern Times. Depois o titulo resumin-se nas últimas duas palavras. Mas em boa verdade o titulo, o verdadeiro títuto, deveria sen éste: Charlot nos tempos de hoje.

Porque, sendo assim, o nome do fil-me leria uma correlação inlima com a ideia que o inspirou. É que Chaplin quis, em plena era do som, fazer uma experiência decisiva.

O vagabundo caricato, de chapéu de coco, de botas cambadas e badine prelenciosa, e cuja silhuela inconfundivel tenciosa, e capa satuacia meorificador se popularizou com o nome de Char-lot—está deslocado nos tempos de hoje. Pertence ao passado, de faelo. Mas Charlie, depois de cinco anos de reflexão resolveu-se a transportar para a época em que vivemos essa figurinha anacrónica de idealista e resignado. Não sabia qual o resultado da experiên-cia e, segundo declarou recentemente, extrain da experiênciaas conclusõe. sque se impunham.

Pode garantir-se que Tempos Modernos marca a derradeira aparição, na tela, da figura inconfundivel de Charlot. Em São Francisco, antes de embar-car para o Oriente — onde agora se eucontra —Chaptin declarou que nunca mais transportará para a tela a figura que ele tornou imortal. Modern Times foi a demonstração nilida, disse, de que ésse pobre diabo está deslocado já, no nundo em que vivemos. Chaplin, sim! Esse tem ainda um lugar no mundo: será realizador, produtor, talvez interprele alé, mas nunca mais Charlot. É o lom calegórico das afirmações le-

va-nos a crér que estamos ante uma resolução inabatável, maduramente pen-

Shirley Temple fará, de futuro, apenas três filmes por ano

Dando ouvidos aos conselhos daque-les que, com carradas de razão, afirmavam que Shirley Temple estava inter-pretando filmes de mais (o que artisticamente e comercialmente era um erro), Darryl Zanuck, chefe de produção da Fox, decidiu que a pequenma estreja não interprete mais do que quatro filmes por ano.

Shiriey concluiu, há pouco, com Guy Kibbee, O Capitão Janeiro. Actualmente, filme Poor Lille Rich Girl. E Dimpies, que deveria interpretar a seguir, loi adiado para depois do verão.

«Uma bicicleta para dois», o novo filme de Kené Clair

() novo filme de René Clair foi finalmente anunciado! Apos o exilo de Ven-de-se um rantasma, René Clair vai reatizar para a firma de Alexandre Korda, um novo fitme, que se intitula Uma bicicieta para dois.

Trata-se duma sátira à vida inglesa, no tempo do reinado de Eduardo VII, quere aizer, no periodo que vai de 1900

Ratph Richardson ,e Laurence Olivier serão os protagonistas desta nova pro-dução do realizador de Sob os Teihados de Paris.

Uma versão inglesa de «O julgamento de Gaby»

Douglas Fairbanks J.or, director da «Criterium-Films» de Londres, contratou Aliriam Hopkins, para protagonista da nova versão de *O Julgamento de Gaby*, que vimos já no cinema, inter-pretado por Gaby Mortay, nos primeiros tempos do cinema sonóro.

Por outro lado, há quem afirme que este mesmo filme será interpretado por polores del Rio.

Madge Evans, sob um aspecto vampiresco, absolutamente inesperada

Já se estreou o filme interpretado pelas cinco gémeas de Dionne 💢 🍝

Yvonne, Cecile, Marie, Anelle e Emilie, as cinco gémeas de Dionne, estrearam-se, há dias, como vedetas da tela, no filme Country Doctor (O médico de Aldeia), que se apresentou, «à guichet fermé», no Carthay Circle, um dos mais belos teatros de Hollywood, encerrado,

há algum tempo, por causa da crise.

O filme seria magnifico, mesmo que as cinco gémeas de Dionne não aberecessem. Jean Hersholl encarna papel do Dr. Dafoe, que, na vida real, conseguiu salvar e rohustecer as cinco gémeasitas, e a história da sua clínica nessa aldeia isolada do Canadá, tem um interêsse excepcional. Hersholt é admirável e a sua enfermeira, Dorothy

Peterson, tão emotiva como bela. Slim Summerville é um «sheriff» de morrer a rir. John Qualen, no papá Dionne, inenarrável. June Lang e Mi-chael Whalen dão ao filme a nota amorosa indispensável.

Durante as seis primeiras partes, as cinco gémeas não aparecem. Foea-se a vida do Dr. Dafoe, que pretende construir um hospital para os seus doentes. Inimigos acerrimos perseguem-no e quando tudo parece perdido para êle, o papa Dionne vem buscá-lo. A cena do nascimento das cinco gémeas está tratada com uma graça e um «humour» incomparáveis. É uma das cenas mais engraçadas e emotivas que o cinema nos lem dado.

Henry King realizon Country Doctor. sem grandes rasgos de génio, mas com o talento preciso para tirar o máximo partido do sentimentalismo e da graça do argumento. Não bá ninguém que se não enterneça ante as admiráveis gémeas de Dionne.

Tal é, pelo menos, a opinião do jor-nalista americano Harold J. Salemson.

A imprensa americana contra Maë West

William Randolph Hearst, que iniciou contra Mac Wast uma campanha moral, cujos fins não são suficiente-mente claros, acaba de probbir, para lóda a vida, o nome da loira vedeta em todos os seus jornais americanos. O seu consórcio, como se sabe, engloba os mais poderosos diários dos U. S. A.

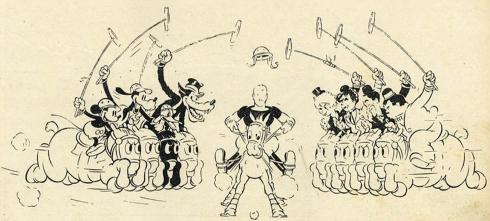
lla quem diga que Maë West, que tem fama de piadista, teria contado detem i ama de piadista, teria contado de-terminado «potin», mais ou menos sa-tirico, a propósito de Hearst, e que o mesmo teria chegado aos ouvidos do poderoso magnate, Mas há quem diga tambem que Hearst, candidato a presidencia da República, nas próximas eleições, leria querido, desta forma, captar as simpatias das pudibundas ligas de moral — e assegurar os respectivos votos.

O nome de Maë West e o título dos seus filmes não poderão de futuro apa-recer nos jornais de Hearst, ainda que seja em anúncios pagos.

Em tempos que não vão longe, Hearst procedeu de idêntica forma para com outro hollywoodense: Samuel Goldwyn. E diz-se que a interdição só foi levan-lada, depois de Goldwyn ter apresentado as mais humilhantes desculpas.

Foi esta atitude de Hearst que levou Foi esta atitude de Hearst que levou a Paramount a aceitar a rescisão do contrato de Maë, que a estrêla pediu. Lady Lou não fará mais filmes para a Paramount e entrou já na equipa de Emmanuel Cohen, da Columbia, firma para a qual fará dois filmes, Ganhará a bagatela de 300.000 dólares, fora a paracentation sebre os lucrates. percentagem sóbre os lucros.

Mickey, jogađor de polo...



Mickey, jogador da polo é o título do último desenho colorido de Wolt Disney. Conto-nos o pugna formidóvel entre o team de Mickey e outro composto por Laurel & Hardy e os dais Marx. Jack Holt é o árbitro. No assistêncio, veem-se tôdas as notabilidades da Cine-lándio, entre elos Clark Gable, Chevalier, etc.

Página 3 CINE-JORNAL

OUVINDO HENRI CARSON,

«MANAGER» DE VEDETAS CÉLEBRES

uma pessoa curiosa este Henri Carson, que esteve entre nós, há pouco, como «manager» de Lu-cienne Boyer e que tem passado a sua vida a interessar-se pelos negocios das vedetas mais célebres. Ser «manager» de vedetas consagradas é, ao mesmo tempo, a mais agradável e a mais execrável das profissões. Porque se o exibicionismo de privar com figu-ras gradas deste mundo é uma fraqueza comum, grata a todos os mortais, aturar os seus caprichos, o seu mau géaturar os seus caprichos, o seu man ge-nio, as suas recriminações deve ser algo de trágico, que transcende aquilo que possamos imaginar. No entanto Henri Carson parece não ter perdido a sua tranqüilidade, a sua

calma. Deve ter aprendido a dar tempo a que as vedetas se expandam nas suas iras, nas suas zangas — para, só depois de serenadas, fazer ouvir a sua palavra autorizada. E, assim, o homem que tem privado com a agressiva Lili Damita, com o neurastênico Maurice Chevalier, com a obstinada Lucienne Boyer continua a manter o seu humor inatterável e a ler permanentemente os cartapácios

e a lér permanentemente os cartapácios mais ou menos filosóficos que o acompanham por tóda a parte.

Há oito anos que Henri Carson vela pela bélisa de Lucienne Boyer, essa toutinegra caprichosa, senhora da sua vontade. Quanta diplomacia, tem sido necessária! É que sacrificios por sua causa! Vimo-lo, no Retiro da Severa, caleccar com sono enquante lucionne. causa! Vimo-lo, no Retiro da Severa, cabecear com sono, enquanto Lucienne, de o.hos ardentes, lábios entrearbertos, húmidos, seguia entevada a nostaugia do fado, a sua cadência deliciosa e triste. E aquelas duas atitudes foram para nós um simbolo. Devem ser sempara nós um simbolo. Devem ser sempara ensim «o homem que ri e a mulher que chora»— e vice-versa. E é esse o segredo da sua «entente». Lucienne necessita, como de pão para a bôca, dos seus conselhos, da sua prudência, do burguesismo das suas lunctas, e dos seus colarinhos engomados! Se não seus colarinhos engomados! Se não fôsse êle, tutor espiritual, o que seria dela, quantas vezes não teria seguido os impetos do seu coração de mulher, ar-dente e independente — para se arrepender depois?!...

Lucienne Boyer, a obstinada!

Henri Carson, acima de tudo é um «gentleman». Venera M.elle Lucienne Boyer, como se fôsse sua filha. Há oito anos que segue a sua carreira gloriosa. Ha oito anos, que discute os seus ne-gócios, que a acompanha a tóda a par-te onde os caprichos do destino e o fulgurante talento da artista a tem le-

vado.
Sobre as atitudes da vedeta na sua vida privada nada disse em seu desabóno. Lucienne é mulher — e uma estrêla célebre. Sofre de todos aqueles defeitos que lhes são peculiares. Mas Henri Carson segue aquele preceito estratégico de Napoleão: euma netirada, em amor, é uma vitórias, máxima essa que, neste caso particular, muito embora Cupido nada tenha que ver com éle, nem por isso deixa de ser um sábio conselho.
Uma questão, uma questão grave

Uma questão, uma questão grave ameagou a paz relativa que preside aquele concubinato comercial! E essa foi recente, e foi na América.
Lucienne como se sabe tem a aversão

Lucienne como se sabe tem a aversao do cinema. Aversão inexplicável, que nem ela própria define. Øra, durante a sua estada na América, todos os dias recebeu propostas para entrar em filmes. Entre as dezenas que lhe chegaram às mãos destacou-se uma! Condições vantajosissimas e tôdas as garantias. Argumento à sua escôlha e todo o pes-

A cinefobia de Lucienne Boyer — A tragédia de Lily Damita — A neurastenia de Maurice Chevalier — A desforra de Lily Pons

soal técnico sujeito à sua aprovação. Um milhão de francos pelo primeiro om mindo e meio pelo segundo. Dois milhões pelo terceiro. Assinava-a alguém. Ernest Lubitsch! Lucienne Boyer leu-a, de fio a pavio, e com um visivel sorriso complacente,

com uma inconsciência que seria de-liciosa, se não fôsse impressionante,

— Ah! Ça c'est gentil...

O mesmo comentário banal com que costuma acolher os pedidos de autógra-

Desta vez. Henri Carson perdeu a ca-beça! Não havia o direito! Era a fortuna, a glória para tôda a vida, que lhe ofereciam. E Lucienne assim lhe virava

Lubitsch mandou um dos seus homens convencê-la. Tempo de filmagens: seis semanas, com direito a trabalhar nos cabarés de Hollywood. Se ela se não gostasse de ver na tela, o filme se-ria inutilizado.

E Lucienne ficou impassível.

Quando, certa madrugada, no York Bar, lhe disparei à queima roupa as minhas censuras pelo facto de ela não querer fazer cinema. Lucienne soltou uma das suas gargalhadas, olhou para Henri Carson e exclamou apenas:

-Esperava agora vê-lo reagir...

Carson, como quem perdoa, a maldade feita por um filho, encolheu os om-bros e enguliu, resignadamente, o resto do seu chá de tilia...



Lily Pons, cuja voz morovilhasa eclipsau a de Grace Moore. A extraordinário vedeta, reprovada pelo Canservatório de Paris, é haje célebre no mundo inteiro

Lily Damita, a ciumenta

Carson encontrou Lili Damita em Nova York, durante a sua recente esta-da no pais dos arranha-céus.

O nome da estrelinha francesa foi o

pretexto para recordarmos os primeiros anos da sua vida em Lisboa, na pensão do Largo de Camões, que pertencia a sua mãi. E evocámos, então, a aventura maravilhosa dessa rapariga, companheira de estúrdia, em noites de alegria doirada, de todos os rapazes lis-boetas dessa época — e que teve a sorte de galgar a distância que separa o Chia-do de Hollywood.

Actualmente em decadência, Lili Da-mita, que foi a boneca de Paris, e cuja mua, que foi a boneca de Paris, e cuja face os espelhos do Maxim's tanta vez retrataram — vive, hoje, para o seu ma-rido, Errol Le Flynn, cujo cartel na América é enorme, se bem que seja pouco conhecido entre nós.

Ciumenta, agressiva, como uma leoa com cio — guarda avaramente o seu marido dos desejos concupiscentes das outras mulheres, que o perseguem por tôda a parte. É que Errol tem fama de ser um dos homens mais belos da Cinc-lándia. E deve ser qualquer coisa de trágico a existência desta mulher, doiragico a existencia desta muniner, doi-damente apaixonada, sentindo que a sua mocidade e a sua época já passa-ram, e a ver voltejar em redor de Le Flynn, como borboletas atraídas pela luz, as mulheres formosíssimas que pu-lulam na Cinelándia e cuja frescura e beleza Lily daria hoje tudo para pos-

Maurice Chevalier, o ingrato

Durante a sua tournée pela América. Carson encontrou-se com Chevalier e Lily Pons, duas das maiores celebridades franceses que trabalham nos Es-tados Unidos. Tanto ele como ela esti-yeram já sob a sua tutela comercial e Carson conhece-os como os seus dedos Maurice Chevalier é hoje um milioná-

rio mais neurasténico e mais infeliz do que o portuguesíssimo Jacinto da Cidade e as Serras, Calculam-se que só os seus depósitos bancarios atinjam uma cifra superior a 36 milhões. No entanto Maurice vive com a preocupação do seu dinheiro — e ignora o que é a generosi-dade e a franqueza, porque teme, cons-tantemente, ver diminuída a sua fabu-losa fortuna. O Hospital, que sustentava losa fortuna. O Hospital, que sustentava em Paris, muito embora tivesse o seu nome, era da iniciativa de Ivonne Vallée, essa doce rapariguinha, que salvou o Danilo da Viuva Alegre, de sucumbir aos estragos da coca, que o ameaçava perder. A pensão principesca que lhe está pagando, e que foi decretada pelos tribunais, é a sua permanente obcessão. Lily Pons. que Henri Carson foi encostrar, agora, coberta de glória, é um milagre da América! Lily andou em Paris, de firma em firma, a esmolar um lugar no cinema, Ninguém lhe reconhecia voz, interêsse e categoria! O próprio Conservatório de Paris reprovou-a! Pois muito bem! Lily Pons, hoje, é

Pois muito bem! Lily Pons, hoje, é uma vedeta celebérrima! Interpretou I dream too much, que é a última pala-vra em filmes musicais. E tirou uma desforra sublime da injustiça que lhe foi feita.

Henri Carson confessou-se satisfei-Item (.arson contessouse satisfe-tissimo. È que não esqueceu ainda os bons tempos em que foi seu tutor co-mercial — e experimenta ainda a ale-gria do mestre, ao ouvir falar duma celebridade, e que clama orgulhoso: «èsse rapaz foi meu discípulo»!

FERNANDO FRAGOSO



libelo acusatório impressionante. Através dum argumento que emociona da primeira à última cena, que prende o espectador ao seu desenrolar, a tese de que a pena de morte é um paradoxo horripilante numa sociedade «soi-di-sant» civilizada, tem a mais evidente das demonstrações.

A história conta-se em duas palavras; Ricardo Walters, rapaz muito ho-nesto e trabalhador, é préso e acusado injustamente de ter comelido um assas-sinio. Por sua infelicidade, tódas as aparências são contra éle e o Tribunal aparencias sac contra et e o l'intunal condena-o a sentar-se na cadeira eléc-trica. Conduzido à Penitenciària de Sing. Sing. è encarcerado na fatal Casa da Morte, série de jaulas fortissimas em que já se encontram vários sentenciados à pena última. Todo o horror da vida daqueles desgraçados, que aguar-dam as datas fixadas para a electrocução, perpassa ante os olhos daquele pobre rapaz, vítima dum erro judiciário. Um louco alróa os ares com os seus clamores desvairados. Ricardo assiste a execução dos seus companheiros de infortúnio. Alé que um dia chega: o dia em que êle deverá por seu turno ser morto, nos termos da fatal lei do Estado. Terminada a confissão de Walters perante o capelão da Penitenciária, Mears, um «gangster» perigoso, vizinho da cela de Ricardo, aproveita uma dis-tracção dum guarda e rouba-lhe as chaves e a pistola, encarcerando os outros guardas e libertando os presos. Entrincheirados na Casa da Morte, os condenados fazem frente as forças de vigi-lância da cadeia, travando-se rijo com-bate. Para convencer o chefe da prisão a deixá-los fugir. Mears condena por

sua vez à morte os guardas que conseguir aprisionar, matando-os friamen-le a um e um. É a luta pela vida em tôda a sua crueldade, luta que termina toda a sua crucidade, inta que termina pela morte violenta de todos os conde-nados, à excepção de Walters, que, fe-rido durante a refrega, recebe à última hora a notícia de que a sua inocência foi reconhecida e de que lhe foi con-cedido o justo perdão. Sóbre a tragédia fica pairando a memória de Mears, que foi morto pelas metralbadoras da policia e que, mais do que como um assas-sino, fica como um símbolo do desespero humano, perante as leis impiedo-sas que ainda permitem a atrocidade sem nome que se chama a Cadeira Eléterica.

Desta vez não serão revelados ao público os nomes dos artistas portugueses que dobram os artistas americanos que interpretam este filme magnifico: Ho-ward, Prestou Foster, George Stone, Noel Madison, Alan Boscoe, Louise Car-

* * *

ler, etc., etc.
Sam Bischoff dirigiu esta produção
«World Hide Pictures» — uma das mais recentes e mais notáveis saídas dos estúdios «yankees»

O dr. Paulo de Brito Aranha conse-guiu m triunfo magnifico na dobragem da Cadeira Eléctrica. O som é duma pureza e duma fidelidade raras. E a tal ponto que, estamos convencidos, muito embora os nomes dos artistas portugueses não sejam revelados, o público reconhecerá, um a um, as suas

A Cadeira Electrica, que Filmes Im-pério, L.⁶, distribui, vai constituir o grande acontecimento do fim desta grande temporada!

um grande filme americano, um filme de empolgante interésse—o que oferece de antemão tódas as garantias espectaculares. E dizemos isto porque quando foi da exibição de O Grande Nicolau, muitas pessoas lamentaram não ter mais calegoria o filme original, tomado por base.

Bem vistas as coisas, não podia ser doutro modo, pois a mais elementar prudência aconselhava que o primeiro filme, o filme experimental, fôsse uma produção corrente, para, em caso de insucesso técnico da dobragem, cobrir

Insacesso tecnico da dobragem, cobrir os prejuízos increntes,
Averdade é que a dobragem portuguesa de O Grande Nicolau foi considerada notável e agora, escudados ainda com a experiência dum filme, os técnicos dos nossos laboratórios sentiram-se com fórças e competência para e lançar afoitamente na dobragem dos se lançar afoitamente na dobragem dos grandes filmes.

A Cadeira Eléctrica, que Lisboa vai ver brevemente, sendo a segunda fita dobrada em português, é a primeira realizada fora do período experimen-tal. E isto é que importa vincar, porque demonstra, de forma indiscutivel, o poder de adaptação dos nossos técnicos, que suprem, com a sua boa vontade e competência, as hesitações, as defi-ciências, as falhas naturalissimas numa modalidade industrial até há pouco ignorada no nosso Pais.

A Cadeira Eléctrica tem um argumento palpitante, porque debate um problema que está na ordem do dia em todo o mundo, e que agora se agitou novamente a propósito da execução de Hauptman, o presumível assassino do

filho de Lindbergh.

O regime prisional dos Estados Unidos, a cadeira eléctrica e todo o cortejo de «cerimónias» que antecedem a execução dos condenados, surgem em lôda a sua revoltante atrocidade, num



ODOS os astros têm o seu princípio, a sua maneira característica de dar os primeiros passos na vida, o modo especial de filmar, com mais ou menos sorte, as primeiras cenas. Uns são descobertos pelo realizador X, outros notabilizam-se por qualquer inesperado papel secundário a que dão relêvo especial, estes surgem dum concurso, aqueles aparecem pelas mais variadas artimanhas... Todos têm o seu princípio: e Clau-

dette não foge à regra...

Onde Brock Pemberton é enganado

O leitor não conhece, talvez, nem mesmo de nome, o produtor Brock Pemberton, mas pode ficar sabendo que é considerado, dentro de Nova-York, o primeiro em esperteza e o segundo em

Muito bem. Um dia, êsse senhor que até ai barafustava aos quatro ventos nunca ter sido enganado por pessoa alguma, viu entrar pelo seu gabinete, sem ao menos se ter feito anunciar. uma rapariga que eu nem tento descrever, tão conhecida ela é - a Claudette.

Cara de espanto irritado do poderoso esperto senhor, sorriso todo doce. «café com leite», da intrusa que, depois de utilizar tôdas as suas armas de mulher, com um descaramento prometedor, consegue ser atendida pelo magnate. Passadas duas horas era contratada para o principal papel feminino de Marionette Man, isto porque - trabalhos de audácia — apresentara um certificado de mérito e experiência assinado pelos mais conhecidos e exigentes empresários americanos,

Em face de tanto valor e de tanto sorriso, Pemberton não hesitou - simplesmente as assinaturas eram tôdas falsificadas.

Da timidez à audácia

Na realidade, ao entrar no escritório de Brock, Claudette só tinha a experiência e a audácia das suas aventuras.

Nascida em França e filha de pais franceses foi, por um daqueles motivos que levam mais gente aos Estados Unidos, o desejo de fazer fortuna, para a América apenas com seis anos.

Matriculada na Washington Irving High School, de Nova-York, sempre apagada entre os seus colegas, pouca gente conhecia e de ninguém era conhecida,

(LAUDAITE (OLBEQUE

porque a sua timidez, um receio envergonhado, a mantinha em silência, perpétuamente escondida e quási sem brin-

Mas já então era bonita...

E, passados dois ou três anos, um dos directores repara que aquela carinha deliciosa de miuda condizia, às mil maravilhas, com um certo papel da peça escolar, então nos primeiros ensaios, Não queria, tinha vergonha mas, como insistissem, envergonhou-se lambém de recusar e accitou.

O convivio constante, que depois teve com os seus camaradas, fêz o milagre de afastar para bem longe tôda a timidez e o exito brilhante do seu papel, envaidecendo-a um tudo nada, fêz dela uma rapariga razoavel, a principio, e depois audaciosamente desca-

Desde aí foi contando os anos pelas dúzias de namorados, no que era hrithantemente acompanhada por certa Lucie, a sua maior amiga. Um dia, aproximavam-se as dezoito primaveras podia garantir ao leitor que não eram das actuais primaveras chuvosas, mas sim daquelas em que havia sol. flores, andorinhas e tudo. Porém, como de norte a sul, em Portugat, só se fata nisso e noutra coisa, eu não o quero incomodar repisando tão estafado assunto. La pois, como estava dizendo, entrar Claudette nas dezoito primaveras quando recebeu o diploma, calamidade que também aconteceu à sua dilecta Lucie. E digo calamidade porque

aquele passatempo do colégio era por etas mais estimado que nenhum outro, com a vantagem de ser o mais inofen-

No entanto, imaginações prodigiosas como estas não tiveram dificuldade em descohrir actividades: - uma falsificou assinaturas para entrar no cinema, outra falsificou amores para casar com um milionário. E ambas conseguiram realizar suas modestas pretensões.

De «vomp» a ingénua

Depois de Marionette Man. seu primeiro filme, também primeiro sucesso, trabalhou Claudette em Manslaughter e, com um dos seus maridos, nesta altura Norman Forster, féz Young Man of Manhattan, Quis a sorte que durante as filmagens desta produção Cecil B. Mille reparasse nela e o mesmo sexto sentido que o levou a interessar-se por Glória Swanson, Bébé Daniels e outras. fê-lo cuidar de Claudette.

Passados tempos ela faz a Popeia do Sinal da Cruz. Interpretação dificil, como cla própria confessou, cheia de embaraços para uma rapariga essencial e medularmente dos nossos dias. Mas a vontade e o talento supriram tudo: a pontos de Cleopatra lhe ser imediatamente distribuida, com os trabalhos ainda na planificação. Foi mais um triunfo merecidissimo que deixava adivinhar a escolha definitiva de Claudette para papéis históricos, mas como os filmes dêste género não são de todos os dias e era preciso dar trabalho à actriz debaixo de contrato, os directores da Paramount-experimentaram uma pequena comédia Three-cornered-moon, e isto veio modificar todos os planos até ai estabelecidos.

Realmente, embora não pareça, Clandette revelou-se uma grande ingénua e. de triunfo em triunfo, chegou, sob a direcção de F. Capra, a essa inolvidável criação de Uma Noite Aconteceu, Tinha conquistado as palmas do novo género, talvez o seu melhor género. como parece dizer a última produção de Claudette entre nos estreada: Casou com o Patrão,

Ela é aqui, mais uma vez, qualquer coisa de alegre, de optimista, plena de espírito e de ingenuidade gaiata, de ternura e poesia feliz, valendo muito mais para mim, esta rapariga deliciosa, século XX, do que aquela rainha tão famosa na geração dos faraós, a cabeça carregada com o símbolo osiriano e a armadura da vaca Ator.

FERNANDO GARCIA

ou a história

duma rapariga que salsificou assinaturas...



A mulher, para êle, é uma parte que nos falta, uma peça da mesma máquina geradora da vida. Marido e mulher for-mam um todo e a dificuldade está em sàbiamente, as duas metades complementares.

Contudo. Franchot é um simplório. suas opiniões não riscam. As de Chevalier, por exemplo, marcam mais. Há quem as confunda com as de Gable, isso é o resultado da má observação. Ambos perfilham as ideias do celibato, mas os seus argumentos são distantes e opostos. Um é metafísico, derrotista, amante da solidão; o outro, pelo contrário, desejaria viver rodeado de mulheres, só de muheres, de muitas muiheres. Esté bem de ver que o casamento, nestas condições, lhe não con-

A melhor prova de que Gable e Chevalier pensam diversamente é que Joan detesta o segundo e não desdenha o

Mas... a opinião mais correcta e a mais sensata, no dizer dos entendidos, é a da própria Crawford. Segundo ela, o casamento só teve razão de ser de-pois de promulgada a lei do divórcio. Assim como é impossível o divórcio

sem casamento (só se divorciam os casados), também o casamento sem perspectiva de divórcio é uma situação dolorosa, uma calamidade inconcebivel Joan sintetiza a sua ideia nesta máxima digna de Pitigri: «Só deve casar o que não teme o divórcio. Fora disso, o casamento è uma fonte de mártires, cano-nizaveis, santificados. É para êles o reino dos céus.»

Quanto ao amor.. Gable acha-o descongestionante como

uma pitada de rapé. Franchot adopta a vulgar definição

Chevalier define-o como um delicioso «cok-tail» de sensações.

«cos-tan» de sensaçoes.
Charlot diz que o amor é como os
beijos, inofensivo e inconsequente,
Joan afirma que a única definição
satisfatória é a da mãi Eva: • € amor
é a maçã». Mas Crawford tem em casa muitas macieiras, não se sabe com que finalidade. Estamos certos de que nem tôdas as maçãs são para comer, porque Joan, feitas as contas, é uma rapariga ponderada e criteriosa, uma das mais desconcertantes revelações de Hot-

RAUL FONSECA

RAWFORD, a Joan ha pouco casada com Franchot, a alegre -iris, «bric-à-brac». Joan guarda como divorciada de Fairbanks, é uma das mais desconcertantes revela-ções de Hollywood. Tão desconcertante que até pensa na vida. E é profunda, é quasi uma filósofa. A despeito das suas criações como

J6 JRQUIVO

actriz, que a colocam numa posição desagradável de leviana e de frívola, a talentosa Joan é das poucas raparigas

que sabem viver.
Todavia, tem cadastro. «Flirts» e divórcios também constam das fólhas corridas. Mas Joan lá tem as suas razões, porque isto de amor e de casamentos é das coisas mais complicadas e poucas, como ela, sabem resolver estes problemas,

Uma grande parte do tempo, que o trabalho de estúdio lhe poupa, é absorvido com meditações profundas. Tem um arquivo notável onde figuram, a par das suas criteriosas reflexões, as dos astros máximos do cinema. É quási uma história de casamentos e amores

La figura Chaplin, o Charlot das fitas

-iris, «bric-à-brac». Joan guarda como relíquia esta «máxima» de Charlot: «o cônjuge escolhe-se como se escolhe um par de botas. As que não servem des-calçam-se». Mas Joan também sabe que o caso de Charlot é diferente. O defeito das botas, é do pé. Charlot é um pé defeituoso, cheio de calos, com joa-netes. Não há botas que lhe sirvam.

porém, duas opiniões que Joan guarda com mais cuidado: a de seu marido (o actual, está claro!) e a de Clark Gable; a primeira porque se trata de seu marido, a segunda... talvez por constituir um conceito quási dogmático. Gable é um predestinado. Veio ao mundo como neurasténico e, como tal, pensa que o casamento e as mulheres são duas coisas incompatíveis. Logo, a mulher nasceu para solteira. Casá-la é dontrariar a Natureza, é como que obri-gar um Angorá a viver numa jaula de lobos de Alsácia.

Está claro que Franchot, o marido da Crawford, não pensa do mesmo modo. Define o casamento como a procura do nosso complemento aritmético.







de realização do cinema, em produzir sembre qualquer coisa de novo, inédito. Mesmo quando não consegue o seu objectivo, não é menos digno da nossa admiração.

Porque realmente o cinema está a precisar de alguém que o empurre, que o lance para a frente. Sente-se que entra a «cristalizar».

Quem é que esqueceu já a realização de Fritz Lang em «Malou»? Pois bem. Em boa consciencia pode dizer-se que desde então se lenha avançado um passo?

liouve, é certo, a intervenção do sonóro. Mas quando supúnhamos que essa

TA muitos anos que na Imprensa se vem debatendo a necessidade de serem organizados espectáculos culturais, sobretudo com acentuada feição infantil, que constiluissem, simultâneamente, recreio e instrução e fôssem organizados sem prejuizos morais ou físicos das criancas que a êles assistissem.

Longas, persistentes, entusiásticas, foram essas campanhas, inspiradas na nobilissima intenção de dar às crianças noções curiosas da vida, sem as forçar a um estudo penoso, antes agradável, ao mesmo tempo que se criavam cinéfilos, quanto mais não fôsse pelo



diverte com o entretenimento preferido.

Por tal iniciativa que veio, francamenle, ao encontro duma velha aspiração dos plumitivos cinematográficos. merece, sobretudo, pelos resultados práticos obtidos, os mais lisongeiros encomios, o seu realizador.

À volta duma homenagem

Realizou-se há dias, numa curiosa manifestação de solidariedade, uma simpática homenagem ao mais antigo operador de projecção dos cinemas do Pôrto, o sr. Emídio Pimenta, há pouco agraciado com o grau de cavaleiro da Ordem de Mérito Industrial.

Festa organizada, segundo cremos, pelos seus colegas de trabalho, foi bem a consagração do esfôrço dedicado de tanlos anos de honesto labor.

Ainda não há muito, nestas mesmas colunas, salientámos o incontestável mérito de um dos elos da grande engrenagem cinematográfica. Não foi mais que o reflexo do carinho que nos merecem todos os anónimos colaboradores da complexa máquina que, quotidianamente, apresenta ao público o produto do génio inventivo de tantos criadores de beleza, a grande parada de valores estéticos que é o cinema.

Pois bem: associando-nos, sincera, sentidamente, a essa festa de solidariedade, apresentamos ao simpático homenageado, sr. Emidio Pimenta, os protestos da nossa muito alta consideração pelo seu respeitável passado de trabalho, honra merecidíssima a quem tão nobremente tem sabido cumprir a sua missão.

E ante os organizadores dessa justa consagração, lamentamos apenas a ignorância da existência dos trabalhadores, de alguns trabalhadores da Imprensa que anima, vivifica e desenvolve o gosto do público pela modalidade artistica que lhes dá o pão de cada dia...

Inovações

As empresas dos cinemas Trindade e Olímpia vão inaugurar, dentro de pouco tempo, uns «écrans» ultra-luminosos, a mais recente inovação, que ainda só poucos cinemas estrangeiros nossuem.

Não se poupam, assim, as empresas destas concorridas casas para bem corresponderem à crescente preferência da grande maioria do público.

CARLOS MOREIRA

INDA não há muito tempo que vi expressa, nesta mesma nevisla a judiciosa opinião de que para um filme ter caracteristicas naionais escusado é que aborde exclusiamente usos e costumes do pais a que espeila.

Logo ao decorrer das primeiras imajens se observa se a produção é franesa, inglesa, americana on alemã. É eluro, reconhecer que ela é portuguesa não tem merecimento algum...

E isto seja qual for o tema ou o loal em que a acção se desenrole.

Tomemos o caso da Inglaterra para remplo.

Até há pouco a produção inglesa não vislia. Desconhecemos a génese do moimento que nos havia de dar, depois, Vida Privada de Henrique VIII. Semramente que eloqueutes lições ha a irar que aproveitem à nossa indústria inemutográfica, ainda tão incipiente mas que vai singrando.

() certo è que muito se tem progrelido em Inglaterra nestes últimos temos. E ai está o «Vende-se um fantasbur, de René Clair, a alestar a afirmaão com uma evidência que tornaria lesnecessário qualquer comentário.

Embora R. Clair seja francés, soube terpretar perfeitamente o espírito ines, o que não é caso original; basta mbrarmo-nos de algumas obras de laurois.

Se tomarmos como térmo de compaação a produção americana, e ela tem us a servir de padrão, verifica-se que inglesa se caracteriza por uma supeior correcção de linguagem e pronúnia, uma ironia mais fina e mais soriedade no desenvolvimento do téma. Esta superioridade não pode ser explicada, evidentemente, por uma mera lituação geográfica ou pela actuação irecta dos elementos que intervenham ròpriamente na realização dos filmes. nuitos dos quais transitam renetidas czes do velho para o novo continente vice-versa.

É que as «ruas da cidade» não são uais em tódas as latitudes, embora las sejam sempre um caminho bordao de dois passeios.

Por outras palavras, a civilização inlesa é anterior à fundação daquele caslo da Escócia que René Clair nos presenta.

Não é transplantando êsse castelo ara a Flórida mas antes esperando ue os arranha-céus se cubram da «pane» do tempo, que se descortinara o ue seja a civilização americana.

É extremamente simpático o esforco e René Clair em renovar os processos



Ann Sothern, a deliciosa ingénua da cinema americana

descoberla viria concorrer para uma maior facilidade de expressão do artisla em face do público, vimos afinal que se tornava antes em elemento de perturbação de primeira ordem..

Mamouliam e R. Clair têm abordado o problema animalos da melhor vontade, conseguindo por vezes efeitos que ficam na nossa memória. Lembram-se do «beer berr», das Ruas da cidade?

Charlot em nada contribui para éle e é pena. A sua aversão ao sonéro talvez possa ser explicada pela repugnáncia que sinta em se servir da palavra e dos ruidos com a falla de tacto e de cerimónia com que muitos o fazem.

A ser assim, o silêncio de Charlot seria a major homenagem feita alé hoje ao cinema sonóro...

ANTONIO DE CARVALHO NUNES

dever de gratidão pelo muito que o cinema podia ensinar-lhes.

Pois, no Pôrto, de há semanas que ematincés», dentro dessa ordem de ideias organizadas, se realizam, e com franco sucesso. Deu vida, realizou essa aspiração, o actual director do Palácio de Cristal, o nosso distintíssimo colega da Imprensa, Pinto Machado.

Tôdas as quintas-feiras o salão de projecção do Palácio de Cristal se enche dum público garrulo e miudodesfile encantadoramente enternecedor e alacre - que se entretem com os filmes culturais e panorâmicos e delira com as comédias e desenhos que, inteligentemente, completam os programas.

São ligeiras, intuitivas e proficuas lições que o pequeno espectador vai apreendendo, ao mesmo tempo que se



O QUE É "TEMPOS MODERNOS"

TEMPOS Modernos», o último fil me de Charlot, passa nos cerans do mundo. Obra dum poeta? Locubração dum filópo quási inconsciente, sem regras, e or isso mesmo com uma acção mais profunda nas massas? Filme doloroso ym que o protagonista atinge e traduz se sentimentos da poesia para? Obra que é, por assim dizer, uma patpitante bandeira revolucionária? Sátira pungule, aguda, dos ridiculos do marxismo? O que é Tempos Modernos, proisida de ser projectada na Alemanha, dmirada por multidões heterogéneas me se precipitam, impacientes, para o ceran, na França e na Inglaterra? Estanos em presença dum produto do instinto, que surge como comentário social, ou dum trabalho reflectido de critica, com objectivos préviamente fizaços? Charlot é um clown de talento ou ym revolucionário ansioso da aplicação dum sistema administrativo, que presumens a um resultado per citas e chegaremos a um resultado per citas e chegaremos a um resultado pos concumos, Tempos Modernos é um filme para lodos os paladares: mas é sobretudo, um filme em que se não pode penetara verdadeira intenção do dinamismo lutimo que o criou.

Sátira da Rússia comunista!...

Um camião passa, com uma bandeirola vermelha de estacionamento. A bandeirola cái. Charlot, sempre prestavel, precipita-se, apanha-a, chama o motorista e agita-a. Uma manifestação operária, eriçada de placares, surje por traz deles. Pasmado, empurrado, eis Charlot feito condutor de massas sem o saber. Não tarda que seja prêso pela policia e duramente condenado. Sim-

Uma sátira anti-comunista? Uma obra subversiva? Um trabalho de filosofia íntima? Um filme mudo, anacrónico e sem sequência?

bolo deliciosamente humorístico de todos os pobres velhacos que se fazem estripar por fórmulas eleitorais que lhes são perfeitamente inatingíveis.

A colowneries genial dos Tempos Modernos é evidentemente a sátira duma sociedade avassalada a matéria e da qual a Rússia soviética representa bárbaro apogeu. — Francois Vinneuil — «Action Française.

Não! Uma grande obra revolucionária...

Charlot, sái do hospital de doidos onde o conduz o trabalho em série, apanha na rua uma bandeira, sinal caído dum camião. Agita a sua bandeira vermelha e, sempre involuntáriamente, encontra-se à testa duma manifestação oppular que acaba de desembocar na rua. É este acto que se supée falhado, que corresponde às mais fundamentais inspirações de Charlie Chaplin e dá o seu verdadeiro sentido a Tempos Modernos.

Trata-se duma obra colocada sob o signo da bandeira vermelha. Ela é simultàneamente uma obra prima de realismo social e uma grande obra revolucionária. — George Sadoul.—«Regards».

Um libelo acusatório contra as ditaduras

Não conformista, anti-clerical, antifascista, revolucionário, tal é o último poema de Chaplin. Um hino ao individualismo, um libeto acusatório contra tôdas as ditaduras. — Henri Jeanson — «Le Canard Enchainé».

Que importa a idealogia social de Charlot?

Charlot filósofo, Charlot juiz da luta das classes, do problema dos soviets, tudo isto parece grave à primeira vista. Mas, na realidade, não é isto que conta. Tempos Modernos é um filme de tése social? Sem dúvida, mas deforma muito o aspecto social e não nos faz esquecer por um só instante que Charlot é um grande mimo, o maior cómico do nosso tempo. — «New York Times».

Filme mudo, isto é anacrónico

Não nos sentimos bem com a ausência de palavras. É uma impressão física contra a qual não podemos lular. Hoje o cinema mudo faz-nos o efeito dum anacronismo. — Jean Fayard — «Candide».

Falando... uma lingua internacional

Nos Tempos Modernos as mecânicas falam — televisão, fonógrafo — mas os homens não falam. A intenção corre o risco de não ser compreendida, mercê, justamente, da televisão. É certo que uma cara aparece no écran, e essa cara articula palavras que ouvimos. Mas quando, por sua vez, outras bócas articulam palavras, não nos sentimos bem porque nada ouvimos. É um embaraço singular, êsse, pois quási tudo continua a exprimir-se pelo gesto, na obra de Charlot. Esta lingua internacional que êle criou, continua a defendê-lo. Se, no filme, o protagonista nem sempre fala, a verdade é que canta! Há um episódio delicioso, que se destingue dos outros porque compreende, na preparação, um verdadeiro diálogo subjacente (e mudo!) entre Charlot e o espectador. Éle canta sem palavras ou, por outra, com palavras que inventa... e fornece ao nosso diálogo a melhor conclusão, a mais evidente prova de que nunca terá necessidade das palavras. — Claude Aveline — «Revue Bleue.

O cinema mudo não morreu!

Charlot provou que o filme falado não eclipsou o seu predecessor, o filme nudo. Poder-se-à objectar, no entanto que, para viver, o filme mudo tem necessidade dum intérprete não menos grande que Charlie Chaplin. — Morning

Charlot quere continuar interna-

Charlot pensa, certamente, que no dia em que o seu famoso vagabundo fi-

(Conclui na pag. 14)



Uma imagem castica de «Corações Ardentes»

público português pode estar convencido de que conhece já o cinema espanhol, através das inúmeras produções faladas na linguagem de Cervantes, que têm corrido nas nossas telas. A verdade é que as películas que se têm apresentado são tódas realizadas por firmas americanas, e portanto produtos adulterados, se quisermos ver nêles as características rácicas, a alma dos cineastas da vizinha República.

Filmes espanhóis, feitos em Espanha, focando os sens costumes e os seus cantares é tudo o que de típico há no país irmão nunca até hoje surgiram em telas portuguesas, muito embora a produção regular naquele país seja um facto.

Cabe à Sociedade Universal de Super-filmes L.da, à conhecida firma distribuídora, a honra de revelar ao nosso público as características e porventura as possibilidades do cinema espanhol, que se traduz hoje numa produção aproximada de 25 películas por ano.

Uma das mais recentes, editada por D. Ernesto Gonzalez, o mais antigo distribuídor de Madrid. e que, actualmente se encontra entre nós, dirigindo, com alguns artistas seus contratados, a versão espanhola do filme Bocage, que está sendo realizada por Leitão de Barros, para a S. U. S. — uma dás mais recentes, diziamos, é Rosário La Cortigera, que entre nós, se exibirá com o título Corações ardentes.

A estreia dêste filme no elegante cinema Capitótio, no próximo día 20, marca uma data na história da cinematografia ibérica: o inicio dum proveitoso intercámbio entre Portugal e Espanha. Não fazia sentido, de facto, que

Na próxima segunda-feira, no "Capitólio", um sensacional programa da S. U. S.

Finalmente, a revelação do cinema espanhol

«Corações Ardentes»

os dois países, ligados por laços tão estreitos, com um público tão aproximado pelas suas tendências rácicas se continuassem a ignorar como até aquí.

Rosácio ta Cortijera é um filme espanhol castiço, onde o pitoresco, o colorido, da païsagem, das gentes e dos cantares têm uma expressão e uma expansão invulgares.

No argumento, focam-se os costumes maravilhosos da Andaluzia, com todo o seu interêsse e sabor, enaltecendo-se uma das manifestações da riqueza nacional: a cria de rezes bravas. E assim o filme inclui cenas de destreza e bravura, que vão surpreender e emocionar os espectadores,

A obra, extraída duma novela de Paso e Dicenta, foi realizada por Leon Artola, tem música do maestro Braña, e é interpretada por Estrelitta Castro. Niño de Ultrera, Elva Roy, Rafael Duran e Alfredo Corcuera, êste último que desempenha na versão espanhola de Bocage o papel que, na portuguesa, cabe a António Silva.

* * *

No sensacional programa que o Capítólio estreia na próxima segunda-feira, e que nos vai revelar, finalmente, o verdadeiro filme espanhol, exibe-se en complemento de programa, também em estreia em Portugal, um filme que não fica mal no lugar de honra, do programa seja de que cinema for.

Trata-se da Perigosa Aventura, um filme alemão extraído duma novela de Stephan Zweig e que tem Willy Forst, o cineasta maravilhoso de tantas obras primas que temos visto, artista de primeira categoria, como principal intérvente.

Este filme, de argumento apaixonante, que não queremos desvendar agora, obteve em Paris um assinalado éxito com o titulo de Fin de Saison.

Por todos estes motivos, e ainda pelas características admiráveis dos dois filmes, tudo nos leva a crêr que a estreia de 2.º feira no Capitólio, marque como um autêntico acontecimento, e que a sala seja pequena para conter todos aqueles que desejarão assistir à primeira exibição de tão sensacional programa.

Corações Ardentes e Perigosa Aventura são distribuídos pela S. U. S. — o que representa, só por si, uma garantia de éxito!



Uma graciasa cena de «A Perigosa Aventura»

A SEMANA SANTA MARIA Paula, aquela rapariga galante que vimos no simpático NOS CINEMAS

Semana Santa, nos nossos cinemas, decorreu, pouco mais ou menos, como nos anos anteriores. A notar, as salas que encerraram as suas portas: Sao Luiz, e Tivon, facio que no ano transacto se não verificou.

Os outros cinemas procuraram programas mais ou menos adequados, par-tindo, do principio, que aquetes finnes que decorrem em épocas remotas, próxunas da passagem de Cristo na terra, estavam mais ou menos justificados na referida quadra. E assim, a par do Alraves do Imperio de Jesus, das diversas Vidas de Cristo, mais ou menos coloridas, e par da louvavel reposição de Gotgotna, tivemos as de Os Uttimos dias de rompeia e de As Cruzadas.

O Central resistiu heroicamente com As Vaisas do Neva e o Loiseu dos Recreios, taivez por the terem proibido a «vida de Cristo», no paico, deu-a na teia. O protagonista do filme infelizmente não era o Rafael Marques...

A festa do «Rádio Sonoro em honra do «Cine-Jornal»

Na passada quarta-feira, efectuou-se no magnineo posto emissor Radio So-noro (c. 1. 1. A. N.), sem dúvida o que memores sessões emematográficas tem organizado, uma festa de nomenagem à nossa revista, com um programa sensacional. Aproximo nuinero, garemos, a par auma magnifica reportagem grafica, os pormenores sobre esta sessão, que marcou, nao só peio interesse do programa e pero braho que os executamtes the imprimiram, como ainda peta inexcediver organização do nosso presauo amigo e brimante jornansta sr. Anionio reio, a quem enderegamos as nossas mais vivas tericitações e sinceios agradecimentos.

Uma justa homenagem ao sr. Raul Lopes Freire

Aproveitando o ensejo de passar o 8.º aniversário do Centrat Cinema, o Sindicato Nacionat dos Profissionais da Imprensa, homenageou o sr. Raúl Lo-pes l'eire, gerente daquele cinema, e que há dias toi agraciado com a Ordem de Mérito Industriat, com um banquete, ao qual assistiram as personalidades mais em destaque no nosso meio.

Os oradores, ao toast, enalteceram as quatidades, o carácter do homenagea-do, puseram em foco a sua carreira de empresario de cinema e de distribuidor de filmes, carreira que éle soube hon-rar e prestigiar através de sempre.

Cine-Jornal, que conta o sr. Haúl Lo-pes Freire no número dos seus melho-res amigos, associa-se sinceramente à homenagem que lhe foi prestada e faz votos pelas suas prosperidades pessoais e pelas do cinema, que dirige com ta-manho brilho.

Os sósias de Laurel & Hardy em Lisboa

Podemos informar hoje os nossos leitores de que já estão contratados para Portugal os artistas Laury e Hardel, os mais completos sósias de Laurel del os mais completos sostas de Laure & Hardy, os únicos por éles autoriza-dos a imitá-los, e que já têm sido seus duplos em diversos filmes. Laury e Hardel, a quem o Yu dedi-

cava, ha pouco, algumas páginas, são fisicamente iguais aos famosos Bucha & Estica e apresentam-se numa sketche cómico intitulado Um inquérito mis1

A sua estreia em Lisboa deve efec-tuar-se no dia 9 de Junho, depois do que os artistas seguirão para o Pôrto.

papel de «Clara» do filme de Leilão de Barros «As Pupilas do Senhor Reitor», obteve, facilmente, a simpatia dos nossos cinéfilos.

A sua figura esbelta, as suas maneiras agradáveis, e, acima de tudo, a sua invulgar beleza, fôram factores importantes, na aura de simpatia que a ro-

Pouco depois, porém, de terminadas as filmagens, e ainda com algumas cenas a repetir, Maria Paula adoeceu, gravemente. E foi só no final da carreira das «Pupilas», quando Lisboa inteira passára pelo Tivoli e apreciára a sua actuação gentil, como um dos melhores atractivos desta portuguesíssima fita, que a infeliz «Clara», ainda convalescente, cambalcando quási, assistiu, encantada, à passagem do seu primeiro filme.

Passaram meses, e Maria Paula continuou um tratamento intenso, sempre na justificada esperança de voltar a trabalhar. E, há pouco, o seu recital de canções, realizado no Gimnásio, veio lembrar, não a sua figurinha gentil, que não esquecera, mas que Maria Paula voltava a ter saúde, e se dispunha a enfrentar directamente o público, preferindo as lâmpadas da ribalta ao calor excessivo dos projectores...

Embora à primeira vista possa parecer, o facto duma artista de Cinema se estrear no Teatro não quere dizer que abandone a sétima arte, da mesma forma que uma artista de teatro que faça um filme não deixa, por tal, de ser considerada artista de teatro...

Em Portugal, como nos países onde ser-se artista de Cinema è uma profissão que não dispensa outras, o Teatro e o Cinema não podem deixar de andar estreitamenle ligados. E o número, já bastante elevado, de artistas que nos dois trabalham e a ambos dispensam o melhor do seu esfôrço, são garantia de que essa ligação, essa espécie de comum acôrdo se manterão por muito tempo...

Na noite da estreia de Maria Paula, o Apolo registou uma grande enchente. É cerlo que o êxito da popular revista ali em cena, se tem mantido. Mas é inegável que, sobretudo nas frisas, camarotes e outros lugares importantes do teatro, a estreia da simpática «Clara», se fêz sentir, consideravelmente.

Logo no número de apresentação, elegantemente vestido. Maria Paula conseguiu captar as boas graças da plateia. Através duns versos inteligentes, a estreante contava a história da sua estreia no teatro, e, a propósito de Mirita Casimiro, citação esta que, apenas nalguns pontos se merecia a pena ter feito. Porque Maria Pauta e Mirita são tão diferentes, - como as coisas que mais diferentes possam existir sobre a terra. Uma, não possui o «fogo interior» que aninia a outra e faz dela um excepcional temperamento de artista; a segunda nunca poderá ser, no Teatro de revista, a figura decorativa e elegante que Maria Paula fàcilmente interprelará.



MARIA PAULA

Artista de Teatro e vedeta de CINEMA

O público já conhecia a voz agradável da nova artista. Quere-nos, porém, parecer que melhorou, e que, com um pouco de estudo, a poderemos ver ocupar, no nosso teatro de revista, aquela vaga de artista cantora, quasi sempre aberta por falta de concorrentes...

No segundo número, «Rosinha», Maria Paula agradou plenamente, se bem que, a nosso ver, os números populares ou regionais não devam ser o seu forte. E assim, agradou-nos mais no último número «Palácio de Outróra», que cantou com distinção, vincando bem o número, e conquistando com êle, definitivamente, o agrado do público.

Não é com pesar que vemos Maria Paula abraçar a vida leatral. Ela pode, no Teatro, colhêr e reiinir bastos e proveitosos ensinamentos, de que, certamente, aproveitará em futuros filmes, eni que a sua gentileza não deixará de ser aproveitada.

E, acima de tudo, o seu exemplo poderá servir a muitas senhoras que, possuídoras de vocação para o teatro ou para o cinema, teimam em só o demonstrar em família, prêsas a falsos preconceitos, que a vida de hoje dificilmente comporta.

Maria Paula, a quem vimos o público distinguir com quentes ovações, vai certamente estudar, aperfeiçoar-se mais e mais, e convencer, definitivamente. o público e a crítica.

Será essa a melhor maneira de pagar a forma gentil como o público a recebeu e de responder aos que pretendem pensar duas vezes antes de lhe fazer definitiva justiça...

O HOMEM QUE PUXA O PANO

O que é «Tempos Modernos»

(Continuação da página 11)

zesse uso da palavra passaria a ser um personagem local. Cessaria por este facto de ser o mimo universal que hoje é. Mas, em minha opinião, Charlot encontra-se perante uma alternativa; ou fará falar o seu vagabundo, ou então decidir-se-á a aparecer sob um novo aspecto. Em Tempos Modernos, todavia, a falta de palavras não me chocou um só instante. —Sunday Times—«Londres».

Mudo poro sempre

Poria as mãos no fogo para afirmar que, no seu prôximo filme, Charlot continuará, ainda a ficar mudo. A sua mimica é demasiado perfeita para ter necessidade de ser acompanhada pela palavra. — Sanday Refree — «Londres».

Um filme sem unidade

A reaparição regular duma rapariga orfa, amiga de Charlie, que este encontra de cada vez que esti da cadeia, e a repetição, na última parte, do têma da fabrica devia, evidentemente, no pensamento do autor, dar a estes trechos, arbitráriamente juntos, uma aparência de unidade. Com efeito, nunca chegarão a atingi-la, o fim — não digo desenlace porque nada foi enlaçado — surpreenderá brutalmente o espectador. Onde estão os crescendo da Quimera do ouro e do Circo? — George Champeaux — «Gringoire».

...folom os snobs

Os snobs, essas pessoas que fazem as pequenas reputações e que não podem desfazer as grandes gtórias não gostam deste filme.

— «Puff»! é desligado... sem continuïdade...

Com isto!

Cada filme de Chaplin é uma pérola dum enorme colar. — Henrique Jeanson — «Le Canard Enchainê».

Sem nexo, como a vida

Não há um metro inútil nem uma imagem supérflua. Tudo está no seu lugar, bem enquadrado: a obra prima impõe as suas leis. É um filme mal feito, seja, sem nexo, mas é imagem do nosso tempo, disparatada e sem nexo.

seja, sein nexo, nas e magen do noso tempo, disparatada e sem nexo.

E foge ao canon quotidiano da producção, as regras —se existen? — su-bordinadas às quais julgamos esta e aquela película, são falsas quando se trata de Tempos Modernos. Esperemos, façamos votos porque compreendam esta sátira terna e violenta da sociedade estandardizadas em que nos debatenos. E preciso elogiar Chaplin por se ter insurgido contra ela, por ter renunciado ao seu tão fácil poder de fazer rir, para levar o espectador a pensar. — Pierre Ilumbourg — «Vendremiaire».

A unidade é tôdo íntimo

Depois de ter rido a bandeiras despregadas, depois de ter guinchado e cacarejado de alegria, durante hora e meia, certos espectadores, com aquela ingratidão que é peculiar no cinema, sentenciam, como doutores, que a ausência do diálogo os aborreceu e que à peticula falla unidade.

Esta opinião não passa de superfial.

Esta opinião não passa de superfial. Nenhum cineasta tem, mais que Charlie Chaplin, o sentimento da unidade. O artista possue-o em lal grau que em tôda a sua vida, tratou apenas um assunto do qual os seus filmes não são mais que capitulos sucessivos. Os Tempos Modernos representam a continuação lógica de O garoto de Charlot e do Circo. Não podem separar-se dos episódios precedentes. Todos êsses pequenos

sketches são paginas dum livro e eutram, em tôda a harmonia, num plano de conjunto. O autor tem o direito de prosseguir a sua demonstração numa fábrica, numa prisão, num armazém, num cabaret ou trilhando caminho do arrabade suprimindo, entre as suas flagrantes evocações, tôdas as transições inúteis, todos os cordetinhos dramáticos que usam, em casos semelhante, os timoratos fabricantes de vaudevilles.— Emile Vulltermoz — «Le Temps».

Faz-nos rir, mos não nos comove

Sim o jôgo fisionómico dêsse artista único pareceu-nos mais amargo, sôbre uma máscara mais dura, um pouco envelhecida, quási fria. Ah! rimos, é certo, rimos a bom rir, mas esta alegria não chega a aflorar a meiguice e a doçura. É uma alegria que não nasce no coração...

Rimos ainda ao pensar na máquina de alimentação que atafulha Chartot; rimos ao vé-lo apertar as cavilhas como um autómato; rimos ouvindo-o cantar e rimos de muitas outras coisas que não dizemos, para lhes estragar o efeito sóbre os espectadores.

Mas os nossos othos continuam sêcos.

— Jeun Castelnan — «La Semaineà Pa-

Sobretudo, comove-nos

Nos Tempos Modernos, Charlot fêzme rir doidamente, irresistivelmente. Perturbou-me profundamente. Arrancou-me soluços. A dôr e a alegria misturam-se por forma singular. — Suuday Times — «Londres».

O filme representa o mois pura poesia

Aqueles que não gostam de Charlot, conhecem-no mal. Têm ensejo de estudar uma personalidade única, o representante, com Disney, da mais autêntica poesia. — Henri Duvernois.—cPour Vousa.

Charlot já não é tão bom como foi

Não podemos deixar de recordar com saidade, é forçoso confessá-lo, o grande Charlot, o Charlot do Circo e da Quimera do Ouro.

M.lle Goddard é encantadora, mas as cenas sentimentais quási nos não comovem; são por assim dizer, escamo-teadas. Não nos comove o seu apaixonado miserável, ésse apaixonado que, noutros tempos, sabia encontrar notas desgarradoras e intercalar, com absoluta segurança, entre as piores truanices, momentos de iditio cheios de poe-

Eis porque éste filme sem nexo que começa brilhantemente, levemente, acaba por nos deixar uma impressão incompleta, por nos causar uma certa desilusão. Chaplin é muito ou pouco ambicioso? Ignoro-o! O que não resta dévida é que já nos não impressiona como antigamente, que já nos não leva com a mesma intensidade a rir ou a chorar.

— Jean Fafard — «Candide».

«Tempos Modernos» é o seu maior êxito

Nunca a ironia e a sensibilidade de Chaplin foram tão bem equilibradas como em Tempos Modernos, nunca atingiram uma forma mais segura, mais deliciosa e mais sóbria. O artista calcula, provoca, doseia o riso com uma precisão matemática. Examinou cem vezes, mil vezes o seu trabalho; no entanto, como em todos os perfeitos éxitos,

ROSIPOR.

OLY, YILDIZIENNE,

para póros dilatados, peles oleosas, sêcas, rugos, etc. — Produtos excelentes da

Academia Scientifico de Belezo

Av. da Liberdade, 35 MCAMPOS Telf. 21866 LISBOA



STADIUM

A melhor revista da especialidade que se publica em Portugal

informa todas as quartas-feiras os seus numerosos leitores de todo o movimento desportivo do Pais

Tem 16 páginas cheias de ólimas e flagrantes gravuras por I escudo

fémina

A grande revista feminina portuguesa

Apresenta todas as sextas-feiras os mais recentes modélos de vestidos e de chapeus, tratando sempre de todos assuntos que interessam às Senhoras.

Á VENDA EM TODO O PAÍS

24 páginas com muitas gravuras
a côres—Capa a côres
Esc. 1850

As composições gráficas das páginas desta revista são de RAUL FARIA DA FONSECA

julgamos assistir a uma perpétua improvisação.

...À excepção da Quimera do Ouro êle nunca nos deu tanto de inédito. Assistimos a uma efervescência constante da sua everves. — François Vinneuit — «Action Française».

È o maior filme de Charlot?

Não estamos enganados. Oh! não... Pode ser que, quando o tempo decorrer e for a altura de se proceder a uma classificação, se diga que Tempos Modernos é o melhor filme de Charlie Chaplin. Em todo o caso, é talvez o mais rico. É cómico de principio a fim, com cenas satiricas duma real dureza; com momentos em que só há fantasia burlesca, ou aquele bom humor de desgraçaão de que há tanto gostamos. É um filme onde há tudo. — Pierre Bost — «Vendredi».

QUALQUER RUGA DESAPARECE!

Em 6 semanas



Uma senhora de 61 anos foi submetida a um tratamento quotidiano de cinco minutos, por um célebre doutor, num hospital de Viena de Austria. En 6 semanas, tôdas as suas rugas tinham desaparecido por completo. Reconquistou uma tez fresca de rapariga. A experiência foi renovada, diz um Jornal Médico de Viena, noutras senhoras de 60 a 70 anos, com os mesmos e notáveis resultados.

A história dêste milagre, é agora conhecida em todo o mundo. Tóda a mulher pode fazer pessoalmente o mesmo. O Professor Dr. Stejskal, da Universidade de Viena, descobriu que as rugas são causadas pelo desperdicio de certos elementos vitais da pele. Após anos de pesquisas conseguiu obter estes preciosos elementos da pele de jovens animais, cuidadosamente seleccionados. Chamou a êste produto, Biocel. Os direitos exclusivos respeitantes a esta surpreendente descoberta foram adquiridos, com grandes despesas, por Tokalon. O Biocel está agora combinado com outros elementos revitalizantes e nutritivos, no Creme Tokalon Biocel, Alimento para a Pele (Côr de Rosa). Rejuvenesce a epiderme, suprime as rugas e tonifica os músculos enfraquecidos da cara. As senhoras de 50 a 60 anos, podem obter uma beleza juventi que invejarão muitas raparigas. Garanta de 100.000 escudos por felizes resultados, senão, reembólso do dinheiro.

À venda em tôdas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, dirija-se à Agência Tokalon (Secção C. J. — 88, Rna da Assunção, Lisboa que alende na volta do correio.

GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOCRÁFICO Director: FERNANDO FRAÇOSO Editor: ALVARO MENDES SIMÓES Propriedade da Sociedade de Revistas Cráficas, Luda

Redacção e Administração: T. da Condessa do Río, 27 Ticleton 2 1348 e 2 1227 Comp., Impressão e gravuras BERTRAND (Irmãos), Lda Trav. da Condessa do Río 27—Usboa ASSINATURAS (pagamento adiantado)

 PORTUGAL

 52 números I ano
 48500

 25 * 6 meset
 24500

 12 * 3 meses
 12500

 Estrangeiro e Colonias
 52 num. 1 ano
 65500

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A Grande Exposição Cinematográfica da UFA

A famosa Cinelàndia da Ufa, em Neubabelsberg, perto de Berlimfoi inaugurado há dias um certame a que o sr. Klitzsch, scu organizador e um dos directores daquela empresa, deu o titulo de «Exposição permanente e educativa da Ufas. É um certame de allo interêsse, não só para os cinéfilos como também para as escolas, laboratórios científicos, etc., porquanto informa concretamente só bre tudo o que de perto ou de longe se relaciona com a arte cinematográfica. O presidente da corporação cinematográfica do Reich, professor dr. Lehnich, disse no seu discurso de inauguração que éste, a-pesar-de sair da iniciativa particular, é de alta importância cultural para tôda a vida cinematográfica, visto que em parte nenhuma do mundo existe uma demonstração prática que se assemelhe a esta. O certame ministra a soma de conhecimentos necessários para se compreenderem as múltiplas ramificações da indústria do filme, constituindo, neste particular, um elemento de ensino para a mocidade da secolas e para os futuros candidatos a artistas de cinema.

O visitante da exposição vé-se em presença de uma enorme profusão de mapas, gráficos, aparelhamentos técnicos, modelos, aparelhagem dos estúdios, figurinos, argumentos de filmes, músicas, enfim tudo o que seja necessário para se acompanhar a evolução de um filme desde o momento em que foi aceita a ideia para o enrêdo até o dia da sua estreia nos cinemas. Para aqueles que consideram o filme um mistério impenetrável, êste certame constitue a revelação completa e perfeita dos mais intrincados segredos.

5.000 cinemas! Alguns números impressionantes!

Como se sabe, não são somente os actores, directores e técnicos que entram na composição de um filme, mas também muitas outras coisas de grande valor na balança económica da nação. Bastam alguns exemplos para elucidar o leitor acerca da importância que o cinema em geral assume na vida econó-mica do mundo. Na Alemanha há perto de 5.000 cinemas, para os quais a in-dústria cinematográfica dêste pais pro-duz anualmente 150 filmes de espectáculo, 400 filmes culturais e educativos, 600 filmes industriais e de propaganda e 260 jornais cinematográficos; só para estes últimos, há 100 operadores-reporteres espalhados por todo o mundo. O capital investido na cinematografia alema atinge a importante soma de 500 milhões de marcos. O número de cinemas espalhados pelo Universo é computado em perto de 70.000, e a re-ceita anual de todas estas salas ascende a 6 biliões de marcos. Na Alemanha, os cinemas arrecadam por ano perlo de a o binos de marcos. Sa Alemania, os cinemas arrecadam por ano perlo de 220 milhões de marcos, e nesta verba estão incluídos 18 milhões de marcos que o Estado cobra de impósto de especláculo. Só em Berlim, o número de pessoas que diàriamente frequenta os cinemas sobe a perto de 170.000. No número de filmes que se exportam em todos os países, as produções alemas ocupam 15 % da produção mundial, que é calculada em cêrca de 1.800 filmes. Em 1935, o laboratório berlinen-se Afifa de tiragem de cópias expediu para todo o mundo 27 1/2 milhões de metros de filme em positivos e negati-vos. Desde o advento do filme sonóro, em 1 de Junho de 1929, estes laborató-rios copiaram mais de 180 milhões de metros de filme, comprimento êste que chegaria para dar 4 vezes e meia a volta ao equador, e que, se fossemos a exi-bir lodo esse celuloide com a velocida-de normal de 24 imagens por segun-levaria perto de 9 anos a passar

Uma reportagem sensacional dêste curiosissimo certame

Como nasce um filme

A exposição da Ufa ensina tôdas estas coisas e muitos outros detalhes da produção. O visilante pode informar-se, por exemplo, sôbre o preço aproximado que custará a construção de um cinema moderno cuia estructura apreciará num modêlo perfeito que representa toda uma casa especialmente preparada para cinema, com todos os detalhes, desde os alicerces até ao telha-do. A parte comercial da exposição é completada por numerosos gráficos re presentado as relações internacionais do filme, as bases económicos dos cinemas, a organização, o sistema de distri-buição, a música dos filmes como fonte de receita pública, o valor da produção alemã nos vários paises do mundo, etc. Todavia, esta secção comercial é uma pequena parte do todo que constitui o notável certamen. Noutra secção, mostram-se aos visitantes as diversas ramificações artísticas e técnicas do filme sonóro. Aí se vê o ponto de partida de um filme, representado por uma ideia prestes a realizar-se ou por uma obra literária, passando por todas as fases que vão terminar no argumento pronto para ser manivelado. Nessas fases primitivas desenvolve-se todo um formidável trabalho de criação e pensamento. O que a principio era uma simples ideia, escrita talvez em meia folha de papel, desenvolve-se mais tarde até atingir as proporções de volu-mosos alfarrábios nos quais se fixaram as partes literárias do enrêdo, e as di-visões do mesmo em trechos para o trabatho da cámara cinematográfica e para o movimento dos intérpretes. Porém, ao mesmo tempo que se prepara o argumento, fáz-se inicio a uma orga-nização comercial que abrange o mundo inteiro e que procura assegurar o rendimento do filme que vai ser realiAs diversos etapas do reolização

Por meio de inúmeras fotografias, pedaços de películas, e objectos práticos e científicos de tóda a sorte, demonstra-se ao visitante da exposição a participação dos mais diversos factores na preparação do filme: correntes literárias, doutrinas, progressos da engenharia e da técnica, mercantilismo e arte, etc., etc.. Aprende-se a apreviar o trabalho dos arquitectos e dos técnicos; vé-se, em modélos móveis, como se faz o registo fotográfico do som; verifica-se o aproveitamento dos últimos progressos e inventos ao serviço da preparação de um filme. Nota-se o trabalho do director de cena, vé-se como de transpõe a palavra escrita na palavra falada, e que bastam pequenos gestos e movimentos dós artistas para acentuar e aperfeiçoar a expressão. Mais adiante o visitante estaca, surprêso, ao contemplar o trabalho minucioso e cientificamente exacto, dos decoradores e dos desenhadores de indumentária.

Números astronómicos

Várias artes e oficios entram hoje em dia no trabalho cinematográfico. Só a Ufa gasta anualmente nos seus estúdios 100.000 metros quadrados de tela, 100.000 metros quadrados de ela, 100.000 metros quadrados de ábuas, 300.000 metros quadrados de tábuas, 300.000 metros quadrados de sábuas, 300.000 metros funares de fasquia, 20.000 quilos de pregos, 30.000 kgs. de gésso, 4.000 metros quadrados de vidro, etc. Um dos modélos do certamen, modélo que nêste género não tem igual no mundo inteiro, mostra todo um estúdio sem telhado, podendo-se pois admirar as secções que o compõem e onde se procede às filmagens. Outros modélos, muito engenhosos, revelam os segredos do filme sonoro. Assim, vê-se como as ondas sonoro.

noras da voz que o mierofone recebe, se transformam em pulsações eléctricas, e como o director de som, sentado a uma mesa de registo, regula a intensidade e a qualidade do som, como as pulsações electricas são em seguida retorçadas perto de um milhão de vezes, fotografadas, e de novo convertidas em ondas sonóras, etc. Aprende-se o processo de revetação do negativo e tragem de cópias, da preparação de caracterizações, da distribuição de luz e adé da fapricação do cedutode virgen.

até da fabricação do celuioide virgem.
Em outro modelo acompanham-se as fases do trabatho no laboratório da Arifa, desde a revetação do negativo, ate à copia para o director de cena, montagem, e acabamento para a exibição no cinema. A revelação e a montagem ou corte do filme são das tases mais importantes para a estruemra técnica e artistica de uma produção.

No mundo dos filmes culturais

Na secção de filmes culturais e educanvos aprendem-se todos os ramos das ciencias cujos ensinamentos estes filmes facultam de forma intuitiva e pe-dagogicamente perfeita. Por esta exposição verifica-se que os produtores de firmes culturais se utilizam de todas as conquistas mais recentes da técnica e da engenharia. Um insecto minuseulo, uma «putga de água», por exemplo, aparece na tela num tamanho que e 215,000 vezes maior do que o tamanho natural. O ar torna-se visivel por meio da luz polarizada, e o crescimento de uma pianta que na natureza leva tres semanas ou mais, desenvola-se no ci-nema em 20 segundos graças ao siste-ma do «retardador». Inversamente, para se manivelar o salto rápido de um veado ao retardador, são necessarias 186 imagens, e para uma cena de truque ou de desenho animado, que dura apenas um minuto, é preciso, às vezes, desenhar 1.500 imagens diversas. A cine-matografia submarina, realizada por operadores que descem ao fundo do mar com aparelhos impermeáveis, já não é de data recente. No futuro, po-rém, ha-de sem possível colocarem-se projectores de luz no fundo do mar.

Entre os apetrechos mais interessantes destacam-se as tele-objectivas que se parcecem com telescópios. As fotografias expostas no certamen mostram o campo de actividade deste sistema de precisão. A câmara cinematográfica vulgar, por exemplo, se quiser fotografar um veado, vê-se obrigada a distanciar-se dele, para não o assustar; o veado aparecerá então, no filme, em proporções pequentsisimas no meio de uma paisagem de floresta. Pórêm, com a tele-objectiva «Astra», que é das mais modernas que exislem actualmente, a câmara conservar-se-á também distanciada, mas na imagem filmada aparecerá unicamente o veado em ponto

grande.

Os desenhos animados

Os próprios desenhos animados, representados em interessantes modélos, constituem um dos elementos mais ar-

tíslicos da produção cinematográfica. Quem viu esta exposição não duvidará de que as grandes realizações artísticas do filme só são possíveis uma vez que o trabalho prático, diário, colabore intimamente com a ciência e com a arte. Este princípio, uma vez compreendido, é muito úlil para o trabalho dos futuros animadores da cinematografia, sejam éles intérpretes e directores, ou técnicos, arquitectos, directores de som, caracterizadores, compositores de música, cientistas que trabalham no filme, etc.

A ciência, a técnica, e otrabalho prá-

A ciência, a técnica, e otrabalho prático acham-se reünidos neste certamen da Ufa para indicar aos novos os caminhos do futuro e para assegurar à cinematografia alemã as methores e mais honrosas realizações.



Uma imagem do filme «As Valsas do Neva»

GNE-JORNAL

ANO 1.º - N.º 26 - 13 DE ABRIL DE 1936 - SAI TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS - 16 PÁGINAS - PREÇO 1\$00



Neste número: HENRI CARSON, «Manager» de estrelas célebres!